

# GÉNEROS DE TEXTO E TIPOS DE DISCURSO NA PERSPECTIVA DO INTERACCIONISMO SOCIODISCURSIVO: QUE RELAÇÕES?

FLORENCIA MIRANDA

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa /  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia /  
Universidad Nacional de Rosario)

*ABSTRACT: Text genres and types of discourse are two notions integrated in different contemporary perspectives of text and discourse analysis. One of these perspectives is the socio-discursive interactionism (ISD). In this article the notions of text genre and types of discourse (in the framework of the ISD) are presented, aiming at especially discussing what relations can be identified between them. To achieve this objective, I propose an analysis in two complementary ways. On the one hand, I observe the articulation between both notions in works produced by this theoretical framework (which is being developed since the '80s); on the other hand, I discuss such articulation based on the confrontation with empirical texts in European Portuguese.*

*KEYWORDS: text genre; types of discourse; socio-discursive interactionism*

## 1. Introdução

*Géneros de texto* (ou géneros do discurso) e *tipos de discurso* são duas noções que se integram em diversas perspectivas actuais de análise de textos e discursos<sup>1</sup>. Uma dessas perspectivas é a corrente denominada Interaccionismo Sociodiscursivo (ISD).

Tal como o define Bronckart (2006a: 9-11), o ISD inscreve-se na continuidade do movimento do Interaccionismo Social (Mead, Vygotsky), assumindo, entre outros postulados, o questionamento da divisão das ciências

---

<sup>1</sup> De entre as perspectivas teóricas que integram as duas noções, e sobre as quais não discutirei neste trabalho, podem referir-se, por exemplo, a Análise do Discurso (Maingueneau, 2002 e 2004), a Linguística Textual (Adam, 1997 e 1999), a Semântica Textual e a Linguística de Corpus (Rastier, 2001 e 2004). Sobre a problemática da opção por “género de texto” ou “género de/do discurso” em cada uma destas correntes, ver Miranda (2007: 61-66).

humanas em múltiplas disciplinas e subdisciplinas, geralmente estanques e impermeáveis, como surge da adesão à epistemologia positivista comtiana e pós-comtiana. Assim sendo, esta perspectiva procura contribuir para o desenvolvimento de uma única Ciência do Humano. A especificidade do ISD é sustentar que o problema da linguagem é central ou, mesmo, decisivo para essa Ciência do Humano. Nesta linha retoma-se uma tese partilhada por Saussure e Vygotsky, segundo a qual os signos de linguagem fundam a constituição do pensamento consciente e procura-se demonstrar que as práticas de linguagem situadas (isto é, os textos e os discursos) são os instrumentos principais do desenvolvimento humano. Assume-se, aliás, que a construção de capacidades cognitivas é o resultado de um processo secundário operado sobre as capacidades de pensamento, uma vez que estas capacidades estão, à partida, marcadas pelo sociocultural e pela linguagem.

Neste artigo apresento as noções de *género de texto* e *tipos de discurso* no quadro do ISD, com o objectivo de discutir, especialmente, que relações é possível identificar entre elas. Para isso, proponho uma reflexão em duas vias complementares. Por um lado, observo como a articulação entre ambas as noções tem sido colocada em obras produzidas neste quadro teórico (que vem sendo desenvolvido desde a década de 80) e, por outro lado, procuro problematizar tal articulação a partir da confrontação com textos empíricos em português europeu.

## 2. As noções em contexto

Para o presente trabalho, importa sintetizar os eixos principais dos modelos de análise das práticas de linguagem elaborados nesta corrente e definir algumas das suas categorias fundamentais. Segundo Bronckart (2005a), os principais “produtos” do ISD são o **modelo da acção de linguagem** e o **modelo da arquitectura textual**<sup>2</sup>. Estes modelos são elos de uma conceptualização teórico-epistemológica maior, que assume como perspectiva fundamental a abordagem descendente das práticas de linguagem. Ou seja, das actividades gerais e as actividades de linguagem para as acções de linguagem, das acções para os textos, dos textos para as unidades linguísticas.

Nesta perspectiva, então, as práticas (ou produções) de linguagem devem ser consideradas, em primeiro lugar, na sua relação com a actividade humana geral, sendo que as actividades de linguagem estão associadas às actividades colectivas ou sociais<sup>3</sup>. Mas em cada actividade colectiva, é possí-

---

<sup>2</sup> “Les produits de base de l’ISD sont d’une part le modèle de l’action langagière, qui vise à conceptualiser les conditions synchroniques de production des textes, et le modèle de l’architecture textuelle”, Bronckart (2005a: 155).

<sup>3</sup> A noção de “actividade de linguagem” pode ser aproximada à noção de “tipos de discurso” tal como se emprega em outras correntes (nomeadamente na chamada escola francesa de Análise do Discurso). Para uma discussão neste sentido, consultem-se, Bronckart (2004: 102; 2005b: 58-60 e 2006b: 151-152) e Bronckart & Stroumza (2002). Veja-se, também, Maingueneau (2002).

vel delimitar acções de linguagem particulares. Estas acções correspondem às práticas de linguagem que um indivíduo empreende no quadro de uma actividade social. Os domínios da actividade e da acção são respectivamente de ordem sociológica e psicológica (Bronckart, 2006b: 139).

Um dos objectos de análise fundamentais para o ISD é constituído pelas “práticas de linguagem situadas”, ou seja, pelas realizações concretas das práticas de linguagem. Isto porque, seguindo Saussure (2002), se assume que os signos linguísticos se organizam em textos e discursos. De modo que é apenas através destas realizações empíricas que temos acesso ao estudo das línguas naturais e da linguagem. A realização das práticas de linguagem dá-se sob a forma de textos. Assim sendo, os textos (no plural) são para o ISD os correspondentes empíricos e linguísticos das actividades de linguagem de um grupo e um texto singular é o correspondente empírico e linguístico de uma acção de linguagem (Bronckart, 2006b: 139).

A construção de um texto implica a mobilização de unidades linguísticas (e, eventualmente, de outras unidades semióticas), mas o texto não é em si próprio uma unidade linguística: é uma unidade de comunicação (ou comunicativa) porque depende da acção sócio-psicológica que o gera. Além disso, no ISD defende-se, na sequência dos trabalhos de Voloshinov e de Bakhtine, que todo o texto se inscreve necessariamente num **género de texto** (ou releva de um modelo de género). Dado que esta é uma das noções sobre as quais proponho reflectir, convém observar mais de perto como se entende neste quadro o papel dos géneros na produção de textos, tal como Bronckart o descreve em vários trabalhos.

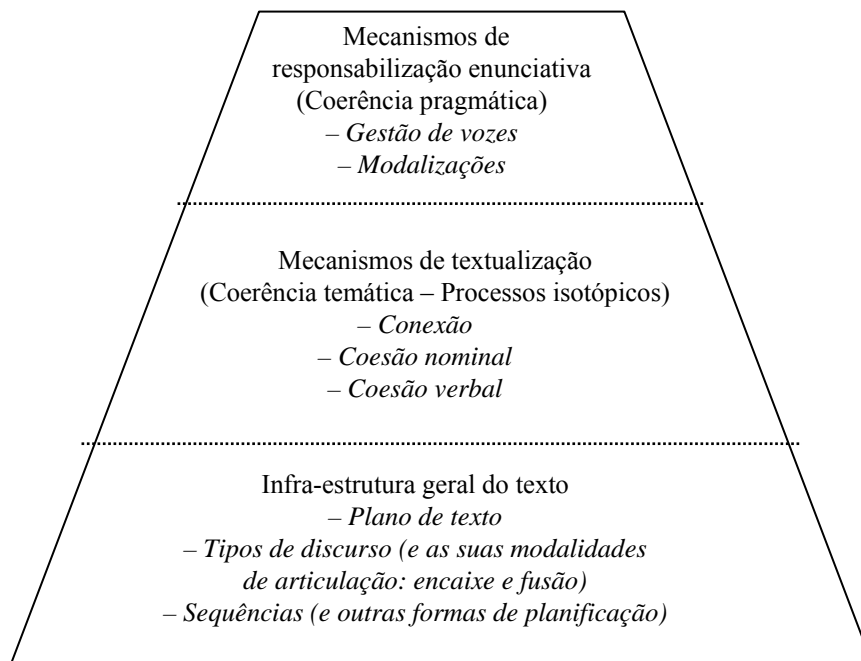
O agente produtor do texto encontra-se sempre numa situação de acção de linguagem – enquanto instância particular de uma actividade de linguagem. Esta situação opera na produção textual mediante representações (mentais) que o agente constrói em relação aos parâmetros do contexto material ou físico (emissor e eventuais co-emissores, receptor, espaço e tempo da produção e recepção do texto), relativamente aos parâmetros do contexto sócio-subjectivo (o lugar social da produção, o papel social do produtor, o papel social do receptor e os objectivos) e, também, no que diz respeito aos conhecimentos disponíveis relativos ao conteúdo temático veiculado no texto. Para além disso (mas em simultâneo), o agente dispõe de um conhecimento pessoal e parcial do conjunto de géneros em uso na sua comunidade (denominado, a partir de Genette, *arquitexto*<sup>4</sup>) e dos modelos de género disponíveis. Sobre esta base, o agente desenvolve um processo duplo. Por um lado, ele escolhe ou “adopta” o modelo de género que considera mais adequado em função das propriedades globais da situação de acção. Por outro lado, ele “adapta” o modelo escolhido, em função das propriedades particulares dessa mesma situação. O resultado desse duplo processo é um novo texto empírico que integra, simultaneamente, os traços do género

---

<sup>4</sup> Note-se que na obra de 1997, Bronckart identificava o ‘reservatório social’ ou a ‘nebulosa dos géneros’ como constituindo o “intertexto”; todavia, em trabalhos posteriores, o autor concede a substituição desta noção pela de “arquitexto” (cf. Bronckart 2005b: 63).

escolhido (ou adoptado) e os traços do processo de adaptação às particularidades da situação (Bronckart, 1997: 40; 2004: 105 e 2005b: 65). É por isso que todo o texto empírico constitui sempre um exemplar de género.

O **modelo da acção de linguagem**, tal como se apresentou sumariamente no parágrafo anterior, permite dar conta de uma parte do funcionamento das práticas de linguagem (a dimensão psico-social ou situacional). Mas é necessário um modelo que dê conta da construção e organização interna dos textos (ou, por outras palavras, dos aspectos mais propriamente linguísticos das práticas de linguagem). Por isso, foi elaborado na perspectiva do ISD, e a partir de um trabalho empírico empreendido na década de 80 sobre centenas de textos, o **modelo da arquitectura textual**.



Quadro 1: Níveis da arquitectura interna dos textos

Neste modelo a organização ou a estruturação de todo o texto é concebida como um “folhado” constituído por três camadas sobrepostas (ver Quadro 1). A camada mais superficial envolve os *mecanismos de responsabilização enunciativa*, a incluir os fenómenos de gestão das vozes no (ou do) texto e a marcação das modalizações. Estes mecanismos contribuem para dar ao texto a sua coerência pragmática. A camada intermédia diz respeito aos *mecanismos de textualização* (ou processos isotópicos), que abrangem fenómenos de conexão e coesão nominal e verbal. Finalmente, a camada mais profunda constitui a *infra-estrutura geral do texto* e é composta pelo plano geral do texto, pelos tipos de discurso, pelas sequências e outras for-

mas de planificação e pelas modalidades de articulação entre os tipos de discurso (encaixe e fusão). Cada uma destas três camadas corresponde a um nível da arquitectura interna dos textos. A distribuição em níveis visa dar conta da estruturação hierárquica da organização dos textos e constitui uma distinção metodológica que se assume, por isso, como parcialmente “artificial”. Cabe explicitar que o termo “nível”, tal como aqui se emprega, diz respeito ao ‘grau de dependência contextual’ dos fenómenos – o que justifica falar em níveis mais ou menos “superficiais” ou mais ou menos “profundos”.

Nesta apresentação global do modelo da arquitectura interna dos textos, a noção de **tipos de discurso** poderia parecer apenas um elemento entre outros, sem nenhum destaque especial. No entanto, esta é, sem dúvida, uma noção que se coloca no centro do modelo e poder-se-ia dizer que constitui um dos maiores contributos do ISD para a análise dos textos e dos géneros. Portanto, vale a pena aprofundar mais um pouco o que está em causa nesta noção.

Os tipos de discurso são definidos como segmentos que entram necessariamente na composição dos géneros<sup>5</sup> (e, portanto, de cada texto empírico), nos quais se traduzem mundos discursivos particulares (ou diferentes “atitudes de locução”). Na base desta noção encontra-se a “tipologia dos discursos” de Simonin-Grumbach (1975), que visava identificar o conjunto de unidades linguísticas dos mundos ou planos enunciativos e descrever as suas operações psicológicas constitutivas<sup>6</sup>.

Na proposta do ISD, defende-se a existência de quatro tipos de discurso (*interactivo*, *teórico*, *narração* e *relato interactivo*), cuja identificação é possível a partir das unidades linguísticas que neles ocorrem. A configuração das unidades conforma “tipos linguísticos” específicos para cada língua natural, que semiotizam quatro “mundos discursivos”. Estes mundos surgem da relação que se estabelece na produção textual entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático mobilizado no texto e as coordenadas do mundo ordinário (relativo à situação de acção). Essa relação sintetiza-se no seguinte quadro:

		Coordenadas gerais dos mundos	
		Conjunção EXPOR	Disjunção CONTAR
Relação ao acto de produção	Implicação	<i>Discurso interactivo</i>	<i>Relato interactivo</i>
	Autonomia	<i>Discurso teórico</i>	<i>Narração</i>

Quadro 2: Tipos de discurso. Traduzido de Bronckart (1997: 159)

<sup>5</sup> “Les **types de discours** sont des *formes d’organisation linguistique*, en nombre limité, dont sont composés, selon des modalités diverses, tous les genres textuels” (Bronckart, 1997: 254).

<sup>6</sup> Para além do papel fundamental deste artigo de Simonin-Grumbach, a problemática dos tipos de discurso no ISD é também herdeira dos trabalhos de Benveniste, Weinrich e Genette.

A identificação e a caracterização dos tipos de discurso surgiram, como o próprio autor explicita (Bronckart, 1997: 77-83), na sequência de uma análise quantitativa e qualitativa de textos empíricos de géneros variados, produzidos em francês contemporâneo. Neste sentido, convém levar em consideração os comentários do autor acerca da constituição do corpus:

Malgré ce souci d'exhaustivité et de contrôle, (...) notre corpus ne peut prétendre fournir une représentation équilibrée de l'ensemble des sortes de textes du français contemporain. Il nous faut admettre que les textes oraux y restent assez minoritaires (pour les raisons techniques bien connues de lourdeur de leurs conditions de recueil et de transcription), et que les textes écrits relevant des genres conventionnels y demeurent vraisemblablement sur-représentés. La portée des propositions d'analyse qui seront formulées plus loin, en particulier dans les chapitres 5 à 9, doit donc être évaluée en tenant compte de ce déséquilibre vraisemblable de notre corpus en faveur des textes écrits normés.

Bronckart (1997: 82)

Esta observação do autor introduz uma ressalva importante, na medida em que atribui ao género dos textos analisados um papel central. O facto de terem sido analisados textos de *alguns* géneros (romance, conto, autobiografia, editorial, carta, conferência, entrevista e conversa, entre outros) não compromete o trabalho, mas limitará necessariamente, como o autor reconhece, o alcance dos resultados obtidos. Longe de ser um obstáculo, a aceitação destas 'limitações' permite, ainda, abrir novos rumos de pesquisa: que novas especificidades poderiam ser encontradas se fossem observados exemplares de outros géneros 'menos convencionais'?

Um pouco no mesmo sentido, repare-se que a identificação de unidades linguísticas associadas a cada tipo de discurso foi realizada primeiramente sobre textos produzidos em francês. É verdade que já existem trabalhos sobre textos produzidos em outras línguas (português, espanhol, basco, etc.) e que a própria tradução da obra de 1997 para o português e para o espanhol, por exemplo, exigiu um trabalho de 'adaptação' às especificidades dos sistemas dessas línguas. Contudo, este não deixa de ser um aspecto que teria toda a vantagem em ser ainda aprofundado.

### 3. Os géneros de texto e os tipos de discurso: que relações?

Como vimos, a noção de "género" apresenta um papel de destaque na conceptualização do modelo da acção de linguagem, enquanto que a noção de "tipos de discurso" constitui um dos elementos centrais no modelo da arquitectura interna dos textos. Contudo, a relação entre estas duas noções não tem sido ainda suficientemente explorada.

Segundo Bronckart (2006d), a estruturação geral dos géneros depende das actividades humanas a que eles se associam (dimensão praxiológica), enquanto que a estruturação dos tipos de discurso está ligada às formas em que se podem desdobrar as operações do pensamento humano (dimensão

gnoseológica ou epistémica). Um dado tipo de discurso pode integrar-se a (ou fazer parte de) diferentes géneros. Além disso, todo o texto comporta necessariamente pelo menos um tipo de discurso. Na sequência disto, podemos dizer, com Anna Rachel Machado, que: “*parece ser lógico afirmar que, se admitimos que os tipos de discurso estão presentes em qualquer texto e que todo o texto se baseia em determinado género, eles também são uma das características dos géneros*” (Machado, 2005: 245).

Mas a questão que se coloca é a de saber que modos de relação é possível identificar entre estas duas noções. Ou, ainda, até que ponto a articulação entre tipos de discurso e géneros apresenta alguma regularidade? O meu objectivo neste trabalho não é, evidentemente, responder de forma definitiva estas questões (ou ainda outras ligadas a estas), mas começar a levantar algumas hipóteses neste sentido, quer a partir da própria teorização desenvolvida no âmbito do ISD, quer a partir da observação de textos empíricos.

A fim de começar a identificar as possíveis relações entre ambas as noções em causa, vale a pena observar a forma como Bronckart define estas noções. Para o autor, e tal como explicita num trabalho recente, os *géneros de texto* são produtos de configurações de escolhas relativas à selecção e combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e das suas modalidades de realização linguística, que se encontram momentaneamente “cristalizadas” ou estabilizadas pelo uso (Bronckart, 2006a: 143). Já os *tipos de discurso*, são definidos como configurações de unidades e de estruturas linguísticas, em número limitado, que podem entrar na composição de todo o texto, traduzindo mundos discursivos particulares (Bronckart, 2006a: 148).

Observadas em paralelo, nota-se claramente que na definição dos géneros se integra a noção de tipos de discurso. De facto, quando na primeira definição lemos “operações cognitivas e as suas modalidades de realização linguística” reconhecemos a própria noção de tipos de discurso. De modo que, tal como se apresenta a noção de género enquanto “configuração de escolhas”, esta inclui a selecção e combinação de tipos de discurso. Assim sendo, haveria entre os géneros e os tipos uma relação vinculativa ou uma ligação constitutiva, que também fica evidenciada nos casos em que Bronckart assume explicitamente que os tipos de discurso são *segmentos constitutivos de um género* (Bronckart, 1997: 139 e 254).

O termo ‘constitutivo’ indica, então, uma relação vinculativa necessária, de modo que os tipos de discurso não seriam simples configurações eventuais nos géneros, mas constituintes fundamentais. Poder-se-ia dizer, portanto, que um primeiro modo ou nível de relação entre géneros e tipos é esta espécie de ligação em que uns estão constitutivamente vinculados aos outros. Isto implica que os géneros mobilizam sempre, e necessariamente, pelo menos um tipo de discurso.

Para além desta relação que poderíamos dizer ‘primária’, inferível a partir das definições, interessa verificar como Bronckart põe em relação as duas noções na apresentação do modelo da arquitectura textual. Na obra teórico-metodológica de 1997, o autor não discute especificamente a articu-

lação géneros de texto / tipos de discurso. Todavia, na caracterização dos tipos de discurso, Bronckart não deixa de indicar o género em que se inscrevem os exemplos apresentados, a saber:

Discurso interactivo	→	conversa (numa livraria); romance
Discurso teórico	→	monografia científica; dicionário
Relato interactivo	→	intervenção política oral; romance
Narração	→	romance

Quadro 2: Tipos de discurso / géneros de texto

Da mesma forma, são mencionados os géneros em que se podem encontrar casos de variantes de tipos de discurso ou de fusões de diferentes tipos. No quadro abaixo, apresento alguns exemplos:

<b>Variantes de DISCURSO INTERACTIVO</b>	
Discurso interactivo primário	conversa, intervenção política, entrevista
Discurso interactivo secundário	romance, conto, novela, peça de teatro
<b>Fusão DISCURSO INTERACTIVO / DISCURSO TEÓRICO</b>	
Exposições orais (intervenção científica, pedagógica, política)	
Exposições escritas (manuais, editoriais, publicidades)	
<b>Variantes de RELATO INTERACTIVO</b>	
Relato interactivo primário	intervenção política, entrevista, conversa
Relato interactivo secundário	romance, peça de teatro

Quadro 3: Variantes de tipos de discurso e géneros

O facto de Bronckart explicitar os géneros em que podem ocorrer os tipos de discurso (ou alguma das suas variantes) demonstra que existem ligações relevantes entre os tipos e os géneros. Isto confirma-se, ainda, em passagens da obra em que o autor faz afirmações como a seguinte:

Un même type de discours peut donc apparaître comme élément constitutif de nombreux genres différents. La *narration*, par exemple, apparaît généralement comme type majeur dans les genres roman, nouvelle, conte, polar, etc., mais elle peut aussi apparaître comme type mineur dans les genres encyclopédie, manuel, monographie scientifique, etc. Le *discours interactif* apparaît comme type majeur dans les genres conversation, interview, pièce de théâtre, etc., mais il apparaît tout aussi fréquemment comme type mineur dans les genres romans, conte, nouvelle, etc.

Bronckart (1997: 254-255)



Estas afirmações surgem na obra para argumentar a favor da ‘transversalidade’ dos tipos de discurso (isto é, um mesmo tipo pode ocorrer em diferentes géneros), mas permite também argumentar a favor da relativa estabilidade que se pode observar na ocorrência dos tipos na diversidade de géneros. Assim, por exemplo, se num texto há a ocorrência dominante do tipo “narracção” é mais provável que se trate de um conto ou de um romance do que de um artigo de dicionário ou de uma monografia científica. Neste sentido, os tipos de discurso (e as suas modalidades de articulação) mostram alguma regularidade relativamente à sua ocorrência em diversos géneros e até podem funcionar como pistas para a identificação dos géneros<sup>7</sup>.

Isto permite considerar que não é qualquer tipo de discurso que aparece em qualquer género, mas que os géneros de texto estabilizam a mobilização de determinado(s) tipo(s) de discurso. Assim, haveria um ‘recorte’ operado no plano praxiológico. De facto, a opção por tipos de discurso específicos poderia ser vista como uma das escolhas que – organizadas em feixe – constituem uma configuração genérica particular. Note-se que esta relativa previsibilidade da ocorrência (ou não) dos tipos de discurso em certos géneros é o que permite aos investigadores de orientação didáctica no âmbito do ISD proporem “agrupamentos de géneros” de acordo com as “capacidades de linguagem” envolvidas, para desenvolver propostas de ensino da língua (cf., por exemplo, Dolz & Schneuwly, 1996).

Até aqui observámos dois níveis ou duas formas de relação entre géneros e tipos. Por um lado, os géneros ‘seleccionam’ e ‘estabilizam’ a ocorrência de, no mínimo, um tipo de discurso. Cabe esclarecer que a ideia de selecção e de (relativa) estabilização diz respeito à própria dinâmica sócio-histórica de constituição e desenvolvimento dos géneros. Por outro lado, há a ‘selecção’ de algum (ou alguns) tipo(s) em particular. Por outras palavras, num primeiro nível de relação ou articulação os tipos são elementos constitutivos dos géneros e num segundo nível de relação cada género estabiliza a mobilização de um (ou mais) tipo(s) peculiar(es). Assim sendo, todos os géneros são constituídos por tipos de discurso, mas há géneros que prevêm a mobilização de todos os tipos, géneros que seleccionam alguns e géneros que se caracterizam pela ocorrência de um único tipo de discurso. Esta observação é válida, ainda, se consideramos a possibilidade de ocorrência de variantes de (ou modalidades de articulação entre) tipos diferentes.

Ora bem, assumindo estas duas formas de relação, podemos perguntar ainda se um mesmo tipo de discurso mobilizado em géneros diferentes pode apresentar especificidades. Para pensar em torno desta questão, convém voltar brevemente à noção de tipo de discurso. Como vimos, há duas vertentes implicadas nesta noção: uma vertente psico-cognitiva, que diz respeito aos mundos discursivos (ou “atitudes de locução”), e uma vertente semiótica, que corresponde a “tipos linguísticos” que semiotizam (ou “traduzem”)

---

<sup>7</sup> A possibilidade de os tipos de discurso funcionarem como indícios para a identificação dos géneros foi discutida e exemplificada em Miranda (2007: 209-213).

as operações psico-cognitivas<sup>8</sup>. A questão sobre a qual proponho reflectir prende-se com esta segunda vertente, que envolve a instanciação de unidades linguísticas próprias a cada tipo de discurso e a cada língua natural.

Vale a pena sublinhar que o estudo da relação entre os géneros e as unidades linguísticas relativas aos tipos de discurso não é uma novidade no quadro do ISD. De facto, já na obra colectiva de 1985 há um capítulo dedicado a análise das unidades associadas aos tipos de discurso em seis géneros de texto diferentes (Bronckart et al., 1985: cap. VI). Contudo, a própria conceptualização dos tipos de discurso a partir dessa obra foi sujeita a alterações que se prendem com a evolução e consolidação da proposta do ISD. Note-se, por exemplo, que a preocupação tipológica em relação aos textos, ainda marcante na década de 80, foi explicitamente abandonada – tal como a própria noção de “tipo de texto” – nos anos 90 (cf. Bronckart, 1997: 13-14 e Alonso Fourcade & Bronckart, 2007). Além disso, como ficou dito, é preciso ainda avançar na análise de uma maior diversidade de géneros textuais e também na análise de unidades próprias das diferentes línguas naturais. É neste sentido que proponho continuar no próximo ponto.

#### 4. Problematização/exemplificação a partir de textos em português

O problema acerca da relação entre géneros de texto e tipos linguísticos pode ser colocado como um terceiro nível de relação entre géneros e tipos de discurso. A fim de aprofundar na problematização e levantar alguma hipótese de trabalho, para este artigo escolho observar as unidades e mecanismos linguísticos que se associam a apenas um dos quatro tipos de discurso: o **discurso interactivo**. Como vimos, este tipo de discurso situa-se no eixo do *expor*, numa relação de *conjunção* relativamente às coordenadas gerais dos mundos e de *implicação* relativamente aos parâmetros do acto de produção. Por isso, o discurso interactivo exprime o mundo discursivo do *expor implicado*. Esse mundo discursivo é, como ficou dito, semiotizado (ou “traduzido”) através de um tipo linguístico que se caracteriza pela ocorrência de um conjunto particular de recursos linguísticos. Segundo Bronckart (1997: 169-172), o *discurso interactivo* apresenta as seguintes características linguísticas:

- Pode ser dialogado ou monologado, oral ou escrito;
- Alternância de turnos de fala nas formas dialogadas;
- Presença de unidades que remetem à interacção verbal (real ou encenada);
- Presença de frases não declarativas (interrogativas, imperativas e exclamativas);
- Exploração do subsistema de verbos do plano do *discurso* (Benveniste): presente, pretérito perfeito e futuro perifrástico; geralmente, com valor deíctico;
- Presença de unidades que remetem: a objectos acessíveis (ostensivos), ao espaço (deícticos espaciais) e ao tempo (deícticos temporais);

---

<sup>8</sup> Acerca dos *tipos linguísticos*, ver Bronckart (2006c: 170-173).

- Presença de nomes próprios, verbos e pronomes de primeira e segunda pessoa do singular ou do plural, que remetem aos protagonistas da interacção verbal (valor exofórico);
- Presença do pronome indefinido “on”, com valor de primeira pessoa do singular ou do plural;
- Presença de anáforas pronominais;
- Presença de auxiliares de modo (poder, dever, querer, ser preciso, etc.);
- Densidade verbal elevada;
- Densidade sintagmática baixa.

Esta caracterização surge da análise de textos produzidos em francês. E se já comentei a necessidade de aprofundar os estudos sobre os tipos de discurso em outras línguas, vale a pena agora demonstrar isto mediante um rápido exemplo: em português é fundamental levar em consideração os verbos e pronomes de *terceira* pessoa (e não só os de *segunda*) que remetem ao interlocutor ou ao destinatário do texto. Esta especificidade da língua portuguesa (que, contudo, não é um traço exclusivo do português) ficará claramente evidenciada nos exemplos que veremos à frente.

Voltemos à questão colocada acima, a partir da relação géneros/discurso interactivo. Assumindo que todo o género mobiliza necessariamente pelo menos um tipo de discurso e que, portanto, há (alguns) géneros em que ocorre o discurso interactivo, pergunto-me se esses géneros instanciam indistintamente qualquer uma das unidades linguísticas próprias do discurso interactivo.

Não será este o espaço para chegar a uma conclusão definitiva sobre o problema em causa, mas é o espaço, sim, para demonstrar que o problema existe. Para isso, escolho aleatoriamente quatro textos que se inscrevem em (ou foram produzidos a partir de modelos de) géneros diferentes: **entrevista**, **horóscopo**, **receita de cozinha** e **boletim meteorológico**. Estes textos podem apresentar diversas marcas do discurso interactivo, mas observarei apenas algumas delas, a saber:

- Alternância de turnos de fala;
- Presença de frases não declarativas (interrogativas, imperativas e exclamativas);
- Presença de unidades que remetem: a objectos acessíveis (ostensivos), ao espaço (deícticos espaciais) e ao tempo (deícticos temporais);
- Presença de nomes próprios, verbos e pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa do singular ou do plural, que remetem aos protagonistas da interacção verbal (valor exofórico);

Os três primeiros exemplos (entrevista, horóscopo e receita) foram publicados numa mesma revista portuguesa: a Revista *Pública*, do Jornal *Público*, de 18 de Junho de 2006. A escolha de exemplares de uma mesma publicação visa garantir o carácter aleatório dos exemplos, e daí o facto de não se ‘controlarem’ as características dos textos no processo de selecção de exemplos. O último texto (um boletim meteorológico), sendo um caso de género que não circula na publicação semanal escolhida, foi retirado de um pequeno corpus analisado em Miranda (2007: 129-140). Cabe sublinhar que a abordagem dos textos será essencialmente descritiva (identificando as uni-

dades e os seus valores), já que de momento não interessa aprofundar nas razões que sustentam a ocorrência ou a não ocorrência das unidades linguísticas.

A **entrevista**, de que tomarei apenas alguns fragmentos<sup>9</sup>, foi realizada ao professor e matemático Nuno Crato e aborda a problemática da educação em Portugal e do estatuto da carreira docente. Vejamos um primeiro exemplo:

**(1) Estamos a chegar ao fim de um ano lectivo particularmente agitado: começou com a polémica em torno das aulas de substituição e acaba com outra em torno da revisão do estatuto da carreira docente. Foi essencialmente só ruído ou as coisas estão a mudar?**

Precisamos de deixar a poeira pousar para ver o que se passa. Mas julgo que um dos principais perigos deste ano é o de sair-se dele com uma guerra contra os professores. Isso é o pior que poderia existir neste momento. E é uma guerra que não tem sentido. Se alguém pretende culpar os professores sobre o que aconteceu nos últimos anos está a falhar o alvo. Porque o responsável do que se passou nos últimos 20 anos é essencialmente o Ministério da Educação. O ministério mudou muito, os ministros mudaram, mas há um grupo, uma “nomenklatura”, feita de técnicos superiores do Ministério e de teóricos da educação, que forjaram uma aliança ao longo de décadas, que é de facto quem manda na educação do país. Estou absolutamente convencido disso.

Este fragmento corresponde ao primeiro par pergunta-resposta da entrevista e permite identificar a ocorrência de diversas marcas do discurso interactivo. Observando apenas o subconjunto de características escolhidas e mencionadas acima, destaca-se primeiramente a *alternância de turnos de fala* indicada (na própria publicação) mediante variação tipográfica. Neste género, a alternância de turnos é uma encenação, na medida em que o texto é, na realidade, produzido por um único agente (no caso indica-se de modo explícito, em posição peritextual, “Texto: Clara Viana”). Esta encenação retoma, evidentemente, um diálogo pré-existente entre entrevistadora e entrevistado.

Um outro traço de discurso interactivo é a ocorrência de *frases não declarativas*. No exemplo (1), vemos a frase *interrogativa* no final do turno de fala da entrevistadora. Em todo o texto em análise, as únicas frases não declarativas são de tipo interrogativo. Neste sentido, cabe mencionar que 11 das 13 intervenções da entrevistadora incluem interrogações que têm a função de dar o turno ao entrevistado. Contrariamente, as frases interrogativas

---

<sup>9</sup> O texto completo pode consultar-se na mencionada revista, páginas 7 a 10. Convém esclarecer que a transcrição dos fragmentos altera a apresentação material original (paginação, tipografia, etc.), mas mantém-se aqui o emprego de tipografia a negrito para as intervenções da entrevistadora (Clara Viana). As eventuais gralhas (ou mesmo erros gramaticais) do texto original não se corrigiram. O sublinhado tem a função de assinalar alguns traços do discurso interactivo.

nas intervenções do entrevistado (que se verificam, em todo o caso, em menor proporção) não funcionam como passagens de turno, mas como interrogações retóricas, exprimindo um valor assertivo, enquanto constituintes de segmentos de carácter argumentativo e de cariz teórico. Por isso, o entrevistador pode deixar as interrogações sem resposta ou pode tentar explicitar a conclusão da argumentação do entrevistado mediante uma frase declarativa. Vejam-se os seguintes trechos:

(2) [...] Até lá, nem os professores, nem as famílias, nem os alunos não sabiam coisas essenciais sobre os exames. Como é que se pode trabalhar assim? Como é que se organiza um ano lectivo nestas condições?

**As medidas que foram sendo anunciadas este ano lectivo poderão trazer mais qualidade ao ensino?**

Penso que, em geral, vão na direcção certa e vão ao encontro de coisas que durante muito tempo praticamente só a Sociedade Portuguesa de Matemática defendeu. [...]

(3) [...] Na verdade, liquidou-se de vez qualquer capacidade de avaliação dos professores. Vai-se avaliar o quê? Se o professor se relaciona bem com as famílias? Se relaciona bem com colegas? É isso que se vamos avaliar?

**Faz-se por um lado, desfaz-se por outro. É obra da tal nomenklatura que referiu?**

Não tenho dúvidas nenhuma disso. [...]

No texto ocorrem também *unidades que remetem aos protagonistas da interacção verbal* (encenada). Relativamente às formas da primeira pessoa, observam-se nos fragmentos citados as seguintes: *estamos a chegar, precisamos de deixar, estou convencido* (1), *penso* (2) e *tenho* (3). Importa notar que as formas da primeira pessoa do singular ocorrem exclusivamente nas falas do entrevistado, enquanto que a primeira pessoa do plural ocorre tanto nas intervenções da entrevistadora como nas do entrevistado, sempre com o valor de nós inclusivo (eu + tu + eles) ou nós de “classe” (nós = os portugueses). Já no caso das formas que remetem ao interlocutor, só se verificam unidades na terceira pessoa gramatical – por exemplo, *referiu* (3) – unicamente nas falas da entrevistadora.

Além disso, há nesta entrevista *unidades temporais e espaciais com valor deíctico*. Repare-se nas seguintes expressões temporais do exemplo (1): *deste ano, neste momento, nos últimos anos, nos últimos 20 anos*. Todas estas expressões devem ser, evidentemente, interpretadas a partir da data de publicação da revista (18/06/06). Nesse mesmo exemplo, ocorre o sintagma “do país” que estabelece a referência com o local de produção da entrevista, já que, de modo inferencial, associa-se ao “país em que agora nos encontramos”, ou seja, Portugal. Acerca das unidades espaciais, vejam-se ainda os advérbios *cá* e *aqui* que ocorrem no segmento (4):

**(4) Essa ideologia de que falou foi algo que nos aconteceu só a nós?**

Aconteceu em muitos países. Aconteceu nos Estados Unidos da América e muito mais cedo do que cá. [...] Aqui não, é tudo monolítico.

Em suma, o que vemos nesta entrevista é que ocorrem quase todas as características do discurso interactivo seleccionadas para a análise: alternância de turnos de fala, frases não declarativas (interrogativas), unidades que remetem aos interlocutores, ao tempo e ao espaço da situação de acção (encenada). Para além disso, vemos que essas unidades mostram valores e comportamentos particulares que se prendem com o modo de funcionamento social do género em causa (encenação de um diálogo autêntico e provavelmente oral pré-existente, papéis dos interlocutores, relação entre os participantes encenados, etc.).

O segundo texto analisado inscreve-se no género **horóscopo**. Deste exemplar também apresentarei aqui apenas um fragmento e não respeitarei na transcrição as características da sua apresentação material (paginação, tipografia, variação cromática, etc.). De entre as marcas do discurso interactivo consideradas na análise encontramos somente três. Vejamos um exemplo.

**(5) Carneiro**

A semana é totalmente positiva. No plano afectivo a semana é de grande paixão mas algumas emoções não poderão ser concretizadas de imediato; é tempo de sonho. Poderá encontrar alguém que mexerá muito consigo e trará novas energias. No plano material faça força para fazer prevalecer as suas opiniões, que são realmente inovadoras. A conjuntura abre-lhe algumas portas e permite melhorias económicas. Boa fase na saúde.

Note-se que neste fragmento (representativo do texto completo no que diz respeito às unidades do discurso interactivo), não há alternância de turnos de fala, mas há, sim *frases não declarativas*. Especificamente, observa-se a ocorrência – em todo o texto – de frases *imperativas* (p. e. “faça força...”). Tanto nas frases imperativas como nas declarativas há a presença de *unidades que remetem ao destinatário* do texto (*poderá encontrar, consigo, faça, suas, lhe*); todas estas unidades ocorrem na terceira pessoa gramatical – o que se justifica no facto de ser um horóscopo publicado numa revista destinada a público adulto<sup>10</sup>. Para além destas duas características do discurso interactivo, ocorre no exemplo o sintagma “a semana”, que tem valor deíctico, uma vez que a referência temporal está ancorada no parâmetro tempo da situação de acção e é correferencial com expressões do tipo “esta semana” ou “a semana de 18 a 24 de Junho de 2006”.

<sup>10</sup> De facto, em publicações portuguesas destinadas a público jovem ou infantil, estas unidades ocorrem na segunda pessoa gramatical. Veja-se, por exemplo, este fragmento do horóscopo da revista *Forum Estudante*, de Agosto de 2003: “*Carneiro. Este Verão nem te atrevas a levar a Playstation para a praia*”.

Quando comparado com a entrevista, o horóscopo mostra uma menor quantidade de traços linguísticos associados ao discurso interactivo. Mas a realização das três características (frases imperativas, unidades que remetem ao destinatário e deícticos temporais) são suficientes para construir a mesma relação de implicação/conjunção que se observa na entrevista. Além disso, estas três características estão associadas ao desenvolvimento de um conteúdo temático particular e a um determinado objectivo (previsões astrológicas para um dado período). De modo que, por exemplo, a não ocorrência de unidades espaciais com valor deíctico se fundamenta no facto de o parâmetro situacional ‘espaço’ ser irrelevante para o conteúdo e para o objectivo.

O terceiro texto analisado é um exemplar de **receita de cozinha**. Veja-se a seguinte transcrição:

(6) Tomates grelhados com queijo de cabra

2 tomates grandes maduros, 2 dentes de alho, 2 col de sopa de azeite, 200 g de tomate cereja vermelho e amarelo, 50 g de azeitonas, 2 queijos de cabra atabafados, 1 raminho de orégãos frescos, 4 folhas de manjeriço, azeite, vinagre, sal e pimenta.

Retire a parte superior do tomate e barre com azeite, alho esmagado, sal e gre-lhe no carvão ou na chapa. Coloque numa taça os tomatinhos cereja, as azeitonas e o queijo de cabra partido em pequenos cubos. Tempere com azeite e vinagre, orégãos e o manjeriço picado. Mexa tudo bem. Distribua a salada e meio tomate assado por prato. Moa pimenta fresca por cima e coloque-lhe uma folha de manjeriço.

Neste caso, das características linguísticas do discurso interactivo em análise só encontramos duas, e que estão intimamente ligadas: a ocorrência de *frases não declarativas* de tipo *imperativo* e de *verbos na terceira pessoa do singular que remetem ao destinatário* do texto. Tal como no horóscopo, a presença dessas únicas marcas também se explica a partir do conteúdo mobilizado e do objectivo ou função (ensinar a elaborar um prato, independentemente do tempo e do espaço).

O último exemplo que apresento é ainda mais ‘extremo’ relativamente à quantidade de unidades linguísticas associadas ao discurso interactivo. Trata-se de um exemplar de **boletim meteorológico**.



(7) Boletim meteorológico publicado no Jornal *24 horas* a 2 de Julho de 2005

Repare-se que neste texto as únicas marcas do discurso interactivo que ocorrem são as *unidades temporais com valor deictico*, no caso, da classe dos advérbios: *hoje*, *amanhã*, *depois de amanhã*, *ontem*. Esta característica não é exclusiva do exemplo observado, mas constitui, de facto, um traço próprio do género adoptado/adaptado (cf. Miranda, 2007: 133).

A partir dos quatro exemplares textuais, nota-se que em cada um deles há um ‘recorte’ das unidades próprias do tipo linguístico associado ao discurso interactivo (ver quadro 4). É claro que a observação de um único texto não permite tirar conclusões relativamente ao género de que releva. Ou seja, não é apenas pela análise de um único horóscopo, por exemplo, que podemos apreender a organização própria deste género. Contudo, admitindo que cada um destes textos foi produzido a partir de um modelo de género – modelo este que foi adoptado e adaptado no processo de produção – estes textos integram necessariamente os traços do modelo de género em questão.



<b>Género de texto</b>	<b>Tipo linguístico associado ao discurso interactivo (características linguísticas observadas)</b>
Entrevista	Alternância de turnos de fala Frases não declarativas (interrogativas) Unidades que remetem ao espaço (deícticos espaciais) e ao tempo (deícticos temporais) Nomes, verbos e pronomes de primeira pessoa do singular e do plural e de terceira pessoa do singular que remetem aos protagonistas da interacção verbal (o entrevistado, em particular)
Horóscopo	Frases não declarativas (imperativas) Unidades que remetem ao tempo (deícticos temporais) Verbos e pronomes de terceira pessoa do singular que remetem ao destinatário do texto
Receita de cozinha	Frases não declarativas (imperativas) Verbos na terceira pessoa do singular que remetem ao destinatário do texto
Boletim meteorológico	Unidades que remetem ao tempo (deícticos temporais)

Quadro 4: Géneros e características linguísticas do discurso interactivo

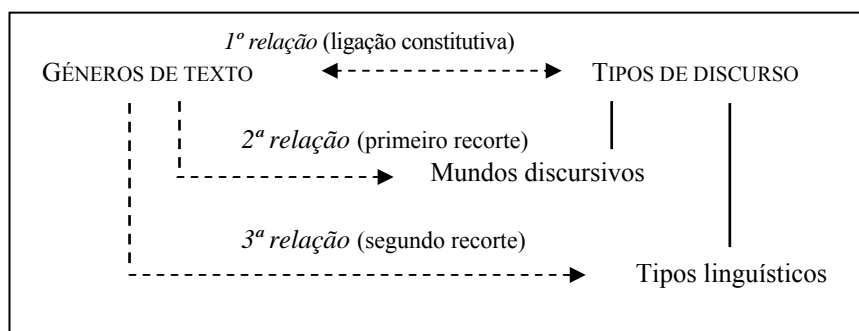
Como ficou dito, o objectivo desta exemplificação foi essencialmente problematizar e mostrar que há uma pista de aprofundamento da investigação acerca das relações entre géneros e tipos de discurso. Neste sentido, os exemplos mostram que cada um destes quatro géneros mobiliza algumas unidades do discurso interactivo e que nesse recorte parece haver uma influência fundamental dos parâmetros da situação de acção (tempo, espaço, participantes, objectivos, etc.) e do próprio conteúdo temático.

A exemplificação permite, também, constatar outras questões de interesse para avançar na investigação. Por um lado, note-se que um mesmo traço linguístico pode assumir valores diferentes de acordo com o género. Assim, por exemplo, as frases imperativas assumem valores diversos no horóscopo (sugestão, conselho ou recomendação) e na receita de cozinha (instrução). Por outro lado, vemos que de acordo com os géneros algumas unidades do discurso interactivo poderão ser mais ou menos eventuais ou ‘obrigatórias’. Pense-se, por exemplo, no caso dos deícticos temporais na entrevista (relevantes para o texto, mas não necessariamente ‘exigidas’ pelo género) e no boletim meteorológico (em que são fundamentais para a interpretação das informações em todo e qualquer exemplar do género em causa).

## 5. Considerações finais

O presente trabalho discutiu as relações entre *gêneros de texto* e *tipos de discurso*, tal como estas noções são concebidas no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo. De acordo com a reflexão proposta, seria possível distinguir três níveis (ou modalidades) de relação entre ambas as noções. Em primeiro lugar, observamos que os tipos de discurso são elementos constituintes (ou, ainda, constitutivos) dos gêneros e, portanto, os gêneros mobilizam necessariamente tipos de discurso. Em segundo lugar, notamos que os gêneros estabilizam a mobilização de determinado(s) tipo(s) de discurso, o que marcaria, então, um primeiro ‘recorte’ operado e instituído no plano praxiológico. Em terceiro lugar, e a partir da observação da ocorrência de marcas do discurso interativo em textos de quatro gêneros diferentes, vimos que em princípio certos gêneros de texto demonstram a estabilização da ocorrência de alguns dos traços semióticos dos tipos de discurso em detrimento de outros.

Estes três níveis de articulação das configurações em análise (gêneros e tipos) podem ser descritos como fases de um processo (sócio-histórico) que, como veremos, justifica a pertinência de diferenciar as duas vertentes associadas aos tipos de discurso: a vertente psico-cognitiva dos mundos discursivos, enquanto arquétipos psicológicos e a vertente semiótica que constitui tipos linguísticos. O processo (ver esquema abaixo) seria equivalente à ideia, talvez mais difusa, de ‘mobilização’ de tipos de discurso nos diversos gêneros.



Quadro 5: Relações entre gêneros de texto e tipos de discurso

A primeira fase do processo – ou primeiro nível de articulação – implica a ligação vinculativa entre gêneros e tipos de discurso (“todo o gênero mobiliza necessariamente pelo menos um tipo de discurso”). Isto ocorre independentemente de qual seja o gênero ou o tipo de discurso em causa. A segunda fase do processo – ou segundo nível relacional – diz respeito à escolha/estabilização de, no mínimo, um mundo discursivo (expor implicado, expor autônomo, contar implicado, contar autônomo). Este nível de articula-

ção estaria na base da existência de um traço comum que reúne géneros diferentes, por exemplo, os quatro géneros exemplificados neste trabalho. Com efeito, a entrevista, o horóscopo, a receita e o boletim meteorológico coincidem na construção de um mundo discursivo do expor implicado. Finalmente, a terceira fase do processo – ou terceiro nível de relação – corresponde à selecção (em função do tipo linguístico associado a cada mundo discursivo) de unidades linguísticas específicas para cada género.

Este trabalho mostrou, de facto, que em determinados géneros de texto, o *discurso interactivo* apresenta particularidades ao nível das unidades semióticas instanciadas. Portanto, é possível colocar como hipótese de trabalho que de acordo com os géneros, este tipo de discurso mostraria especificidades no plano da configuração do *tipo linguístico*. Seria preciso, neste sentido, aprofundar a descrição das unidades linguísticas e identificar os factores que intervêm nessa espécie de recorte, quer no plano das influências dos factores contextuais, quer no que diz respeito às restrições do próprio sistema da língua natural. A possibilidade de confirmação desta hipótese justifica avançar com estudos empíricos que demonstrem (ou contestem) a sua validade. Além disso, seria preciso ainda observar se esta hipótese pode ser colocada relativamente aos restantes tipos de discurso (teórico, narração e relato interactivo). Esta pista de investigação junta-se a outras acima mencionadas, por exemplo, o aprofundamento do trabalho de caracterização dos tipos de discurso em outros géneros e em diversas línguas.

## Referências

- Adam, Jean-Michel (1997). Genres, textes, discours: pour une reconception linguistique du concept de genre. *Revue belge de philologie et d'histoire* 75, pp. 665-681.
- Adam, Jean-Michel (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.
- Alonso Fourcade, Maria Pilar; Bronckart, Jean-Paul (2007). Por un Interaccionismo Socio-discursivo: Historia de una trayectoria. In Plazaola, I. e M.P. Alonso Fourcade (Eds.) *Testuak, discurtsoak eta generoak*. Donostia: Erein, pp. 13-61.
- Bronckart, Jean-Paul (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interaccionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, Jean-Paul (2004). Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages* 153, pp. 98-108.
- Bronckart, Jean-Paul (2005a). Les différentes facettes de l'interactionnisme socio-discursif. *Calidoscópico* Vol. 3, n. 3, pp. 149-159.
- Bronckart, Jean-Paul (2005b). Os géneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interacções de desenvolvimento. In Menéndez, F. M. *Análise do Discurso*. Lisboa: Hugin, pp. 37-79.

- Bronckart, Jean-Paul (2006a). Introdução. In Bronckart, J.-P. (Organização de A.R Machado e M.L. Matencio) *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 9-23.
- Bronckart, Jean-Paul (2006b). Os gêneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In Bronckart, J.-P. (Organização de A.R Machado e M.L. Matencio) *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 121-160.
- Bronckart, Jean-Paul (2006c). Questões em jogo e problemas de nossa abordagem da análise do discurso. In Bronckart, J.-P. (Organização de A.R Machado e M.L. Matencio) *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 161-174.
- Bronckart, Jean-Paul (2006d). Questions épistémologiques centrales de l'ISD. L'activité langagière face à *la langue*. Hommage à F. de Saussure. Conferência, I Encontro Internacional do Interacionismo Sócio-discursivo. São Paulo: Junho de 2006.
- Bronckart, Jean-Paul; D. Bain; B. Schneuwly; C. Davaud; A. Pasquier (1985). *Le fonctionnement des discours. Un modèle psychologique et une méthode d'analyse*. Paris: Delachaux & Niestlé.
- Bronckart, Jean-Paul e Kim Stroumza (2002). Les types de discours comme traces cristallisées de l'action du langage. In E. Roulet e M. Burger (Eds), *Les analyses de discours au défi d'un dialogue romanesque*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, pp. 213-263.
- Dolz, Joaquim e Bernard Schneuwly (1996). Genres et progression en expression orale et écrite – Éléments de réflexions à propos d'une expérience romande. *Enjeux* 37-38, pp. 49-75.
- Machado, Anna Rachel (2005). A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In J.L Meurer; A. Bonini; D. Motta-Roth (orgs.): *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, pp. 237-259.
- Maingueneau, Dominique (2002). Type de discours. In P. Charaudeau e D. Maingueneau, *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, p. 592.
- Maingueneau, Dominique (2004). Retour sur une catégorie: le genre. In Adam, J.-M. et al. *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 107-118.
- Miranda, Florencia (2007). *Textos e gêneros em diálogo – uma abordagem linguística da intertextualização*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Rastier, François (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.
- Rastier, François (2004). Enjeux épistémologiques de la linguistique de corpus. In *Texto!*, disponível em [http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier\\_Enjeux/Rastier\\_Enjeux.html](http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier_Enjeux/Rastier_Enjeux.html), consultado a 9/01/2004.
- Simonin-Grumbach, Jenny (1975). Pour une typologie des discours. In Kristeva, J. et al. (eds.) *Langue, discours, société*. Paris: Seuil, pp. 85-121.
- Saussure, Ferdinand de (2002). *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.